

# A EDUCAÇÃO PARA A RESISTÊNCIA: AS CONTRIBUIÇÕES DE ADORNO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

*Education for resistance: Adorno's contributions to teacher training*

Marcio Giusti Trevisol<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo discute os dilemas e desafios quanto à formação de professores a partir dos conceitos de Adorno. A pergunta central é: qual a importância do conhecimento filosófico para a formação de professores? A resposta a essa pergunta sustenta a tese de que os professores, mesmo os que não são das humanidades, devem produzir um pensamento filosófico crítico e emancipado sobre a realidade social e profissional. O objetivo é discutir a formação dos professores a partir do conceito de resistência apresentado por Adorno no livro *Educação e Emancipação* (ADORNO, 1995). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória com corte teórico-bibliográfico. O universo da pesquisa e a fundamentação epistemológica é em Adorno (2009, 1995) e Adorno e Horkheimer (1985). Portanto, é possível pontuar que os professores, em sua etapa formativa, devem desenvolver capacidades que garantam que sejam intelectuais capazes de pensar, refletir e produzir conhecimentos coerentes sobre a realidade social e profissional. Dessa forma, qualquer formação de professores deve se preocupar com a solidez científica, com a linguagem culta e a identidade profissional como pressupostos para assegurar uma educação para a emancipação.

Palavras-chave: Adorno. Resistência. Emancipação. Formação. Educação.

## *Abstract*

*The article discusses the dilemmas and challenges regarding teacher training from the concepts of Adorno. The central question is: how important is philosophical knowledge to teacher training? The answer to this question supports the thesis that teachers, even those who are not of the humanities, must produce critical and emancipated philosophical thinking regarding social and professional reality. The objective is to discuss the training of teachers from the concept of resistance presented by Adorno in the book "Education and Emancipation" (ADORNO, 1995). Methodologically, this is an exploratory research with theoretical bibliographic cut. The universe of research and the epistemological foundation is in Adorno (2009, 1995) and Adorno e Horkheimer (1985). Therefore, it is possible to point out that teachers in their formative stage must develop capacities that ensure that they are intellectuals able to think, reflect and produce coherent knowledge about social and professional reality. Thus, any teacher training should be concerned with scientific soundness, cultured language, and professional identity as assumptions to ensure an education for emancipation.*

*Keywords: Adorno. Resistance. Emancipation. Teacher training. Education.*

Recebido em 9 janeiro 2019

Aceito em 13 de março de 2019

## 1 INTRODUÇÃO

"A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, instituindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado." (ADORNO, 1995, p. 27).

<sup>1</sup> Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina; Doutorando em Educação na Universidade de Passo Fundo; Professor na Universidade do Oeste de Santa Catarina; marcio.trevisol@unoesc.edu.br

Uma das características da sociedade contemporânea é a ideologia técnico-científica que tem colonizado as relações sociais. Para Habermas (2002), a modernidade identifica a ciência e a técnica como os principais instrumentos de manipulação e dominação das esferas da vida. O desenvolvimento da técnica promoveu uma separação entre homem e natureza, entre sujeito e objeto. O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 40).

Dentro dessa questão, Adorno (1995) apresenta importantes contribuições que denunciam os perigos de adotar modelos de ensino instrumentalizados sobre a lógica da ciência, do capital e da técnica. Por isso, o artigo toma como base o texto “filosofia e os professores”, que está no livro *Educação e Emancipação* (ADORNO, 1995) como fundamento para discutir os problemas formativos decorrentes de um modelo educacional baseado na lógica instrumental. O objetivo é pontuar as contribuições de Adorno para a discussão da educação contemporânea, sobretudo as relacionadas à formação de professores. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem teórico-bibliográfica. Para melhor entendimento e atendendo ao compromisso de nosso objetivo, o artigo é dividido em duas partes. Na primeira parte apresentamos uma fundamentação conceitual de Adorno quando trata da educação como resistência. De antemão, é importante esclarecer que o conceito de resistência não está ligado ao emprego dos movimentos políticos atuais, mas assume o significado de emancipação proposto por Adorno. Na segunda parte, pontuamos, a partir de Adorno, a importância da filosofia na formação de professores. Não se trata de uma formação teórica, mas do desenvolvimento do espírito filosófico da pergunta e do questionamento como condição para a emancipação profissional.

Portanto, é possível ponderar que uma educação baseada na ideologia tecnicista e instrumentalizada negligencia uma formação integral. A adoção de modelos educacionais que se guiam pela lógica da tecnociência e dos princípios do produtivismo tende a colocar em ameaça a democracia e uma educação republicana. A formalização de uma educação, que não seja dialética, impede não somente a transformação, mas impossibilita que professores e alunos percebam as contradições sociais.

## 2 A EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA: OS PROFESSORES COMO INTELLECTUAIS

A produção intelectual adorniana preocupava-se em analisar as contradições do capitalismo, dos movimentos totalitários, a crise da racionalidade e o desenvolvimento da técnica. Embora Adorno não tenha se dedicado a escrever um livro ou mesmo pesquisar profundamente as questões relacionadas à educação, deixou-nos legados importantes que são fundamentais para pensar os fundamentos educacionais, sobretudo, no momento que presenciamos o crescimento de movimentos dogmatizados e avessos à perspectiva republicana de educação. Destacadamente no Brasil movimentos como “escola sem partido” ou manifestações que ligam nosso grande educador Paulo Freire com a doutrinação marxista; são elementos que mostram as ameaças ao desenvolvimento de uma educação emancipatória, crítica e livre. Nesse sentido, Adorno nos ajuda a pensar os motivos que devemos tomar para defender uma educação como pressuposto básico para a autonomia como garantia de fortalecimento da democracia.

Os principais conceitos sobre educação em Adorno estão condensados no livro *Educação e Emancipação* (1995). A obra é uma coletânea de falas, conferências e debates transmitidos pela rádio do Estado de Hessen na Alemanha, no período de 1959 a 1969. A tese central que permeia o livro é a defesa da educação para a emancipação a fim de evitar o estado de barbárie presente na Alemanha nazista. Segundo Adorno (1995), as condições que levaram a Auschwitz ainda persistem na sociedade. A educação deve atuar na promoção do esclarecimento à medida que permite ao indivíduo perceber as contradições da sociedade instrumental.

O primeiro apontamento de Adorno (1995) é a afirmação de que nem toda a educação é emancipação. Essa posição pode favorecer um certo pessimismo, mas ao contrário, alerta aos educadores sobre a importância de refletir o processo formativo, a fim de evitar que a educação não seja meramente um acumulado de cultura sem refletir o contexto social em que a própria educação está envolvida. O desenvolvimento da sociedade a partir da ilustração, em que cabe importante papel à educação, a formação cultural, conduziu inexoravelmente à barbárie (ADORNO, 1995, p. 11). A posição do autor coloca a educação em um estado de constante vigilância, pois percebe que a educação nem sempre é emancipação, pois pode se tornar a reafirmação da exploração e modelos antidemocráticos. Para exemplificar,

Adorno coloca a questão da Alemanha. Mesmo com ideais de educação iluminista, não foi capaz em suas escolas e universidades barrar o crescimento do movimento nazista.

O essencial é pensar a sociedade e a educação a partir de seu devir. Somente dessa forma seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento da ilustração (ADORNO, 1995, p. 12). O núcleo da experiência formativa reside na capacidade da compreensão do presente como totalidade histórica composta por contradições e sentidos. A educação como emancipação possui como função e propósito situar o sujeito frente a essas condições. A teoria social é, na realidade, uma abordagem formativa, e a reflexão educacional constitui uma focalização político-social (ADORNO, 1995, p. 15).

Então, a partir de Adorno quais as dificuldades de favorecer uma formação de professores que prime para a autonomia e a resistência? Ou ainda, quais as dificuldades para formar professores como intelectuais capazes de produzir conhecimento coerente e crítico dentro do seu espaço de trabalho?

A primeira dificuldade é a racionalidade produtiva que retira dos atores da educação a condição de atingir certo grau de emancipação e esclarecimento quando sufoca o sentido ético dos processos formativos e educacionais que ficam condicionados à lógica do mercado. A crise formativa e educacional para Adorno (1995) está na dinâmica do trabalho social que institui a ideologia técnico-científica como única condição formativa para o sujeito. Qualquer formação cultural como *Bildung* está ameaçada.

A segunda dificuldade da experiência formativa para a emancipação está no conceito de indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), que determina toda a estrutura de sentido da vida cultural pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inocula nos bens culturais enquanto se convertem estritamente em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos, e, logo, à situação vigente (ADORNO, 1995, p. 21). Além disso, o ataque a uma experiência formativa para a emancipação provém do que Adorno (1995) define como semiformação: com conteúdos irracionais ou com conteúdos conformistas. A semiformação obscurece, mas ao mesmo tempo convence. O esclarecimento como consciência de si, com autoconscientização, é limitado pela semiformação, que se torna uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais (ADORNO, 1995, p. 23). Os processos formativos, dentro da dinâmica global produtivista, são flexibilizados e enxugados, o que contribui para uma formação pedagógica precária. A semiformação é tão prejudicial como a falta de informação.

A superação dessas dificuldades formativas de professores se constitui a partir de três frentes: a) um processo educativo que se constrói a partir a dialética negativa.<sup>2</sup> A experiência formativa seria, nesses termos, um movimento pelo qual a figura realizada seria confrontada com sua própria limitação (ADORNO, 1995, p. 25). Por isso, justamente, esse método de formação crítica é negativo, isto é, a educação tona-se um movimento dialético de recusa do existente pela via da contradição e resistência; b) o conteúdo da experiência formativa não se esgota na relação formal do conhecimento, mas implica um processo de transformação do sujeito no curso de seu contato com a realidade. Nesse sentido, qualquer proposta educativa para a emancipação e resistência deve se opor ao imediatismo e à fragmentação da racionalidade formal coisificada pela indústria cultural. A experiência formativa integral deve enfrentar os desafios vindos da semiformação; c) para Adorno (1995), o modelo da experiência formativa é a dialética do trabalho social. Também para o autor, o capitalismo tardio impõe um tipo de racionalidade instrumental que aniquila o indivíduo e rompe com a continuidade do processo formativo. A cultura como processo de formação é reduzida ao mercado de bens de capital que rompe com a memória histórica. A educação crítica, portanto, deve ser de resistência. Toda a perspectiva de uma educação crítica é tendencialmente subversiva. Para Adorno (1995, p. 27), é preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumentos técnicos e receituários para a eficiência, instituindo o aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado.

<sup>2</sup> A dialética de Adorno é um conhecimento agudo da não identidade entre sujeito e objeto. Em outras palavras, a dialética negativa é a consciência dessa diferença e da impossibilidade de abarcar o todo por meio do simples pensamento. Com isso, o autor aponta que qualquer pretensão de conhecer o real a partir do idêntico comete um equívoco. Desse modo, a dialética negativa entende que a realidade não é absolutamente racional, mas é composta de contradições, conflitos e lacunas que precisam ser compreendidas e refletidas. Trata-se de compreender a totalidade da realidade em sua complexidade. Para mais informação sobre dialética negativa ver: Adorno (2009).

### 3 ADORNO, FILOSOFIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Iniciaremos nossa discussão a partir da tese defendida por Adorno (1995) de que o campo educacional deve ser de resistência às tendências regressivas presentes na sociedade. Nesse sentido, qualquer tentativa de pensar a educação deve partir de seu contexto social e de sua dinâmica. Ao tomar essa posição, Adorno (1995) entende que o campo educacional não pode aparecer apartado dos problemas sociais advindos do modelo produtivo em que está inserido. No capítulo *A filosofia e os professores* o autor apresenta uma série de reflexões sobre a importância da filosofia na formação dos educadores/professores. Não se trata de uma formação profissional em filosofia, mas de uma formação filosófica que leve os professores a filosofarem em sentido intelectual, ou seja, a preocupação é de que professores das mais variadas áreas sejam intelectuais que reflitam criticamente sua condição social.

*A filosofia e os professores* (ADORNO, 1995) foi inicialmente escrito para a apresentação pública realizada na Casa do Estudante de Frankfurt, e publicado na sequência em 1962. O texto também foi publicado posteriormente no livro *Intervenções*, de 1963. Apesar de o tema parecer amplo, o ponto de partida consiste no exame para professores do Estado de Hessen que visava regular a entrada destes nas escolas superiores. Parte desse exame era composto pela disciplina de Filosofia. Um dos componentes do exame é a defesa de um tema filosófico feito pelo candidato. No interior do conjunto das disciplinas científicas, a filosofia possuiria o papel de determinação do todo social, ou seja, a presença da Filosofia no exame tinha como meta verificar a capacidade reflexiva do candidato sobre questões sociais, dito de outra forma, analisar a capacidade filosófica de interligar a área de conhecimento com as questões sociais.

No início do capítulo, Adorno (1995, p. 51) já pontua que seu objetivo é falar a respeito da prova geral de Filosofia dos concursos para a docência e ciências às escolas superiores do Estado de Hessen, Alemanha. Não é pretensão discutir a formação dos candidatos, os méritos da aprovação ou quanto esses candidatos possuem de conhecimento profissional de Filosofia, mas, ao contrário, como esses candidatos conseguem produzir uma reflexão crítica e consistente a partir da filosofia de si mesmos e do contexto que suas disciplinas específicas estão localizadas.

Nesse sentido, para Adorno (1995, p. 54), o que se pretende avaliar nesse exame é se aqueles que terão uma pesada responsabilidade quanto ao desenvolvimento real e intelectual da Alemanha, enquanto professores em escolas superiores, são intelectuais ou meros profissionais. Adorno emprega o conceito de intelectual de forma positiva, ao se referir a uma capacidade autônoma e emancipada de produzir um conhecimento pertinente e consciente da realidade social. Ser intelectual, uma pessoa de espírito, significa, nesse contexto, conseguir sair do campo técnico e alcançar uma reflexão para além desse campo, embora não excluindo esse ponto de partida da disciplina específica.

Para Adorno (1995), a presença da Filosofia nos exames e na própria formação dos professores não confere um status a mais às ciências, mas se sustenta na autoconscientização viva do espírito. À medida que o processo de especialização se acentuou a partir da lógica mercadológica do mundo produtivo, os espaços de formação para a emancipação foram gradativamente sendo esvaziados. Por isso, a Filosofia como parte da formação dos professores, segundo Adorno (1995, p. 56), deve ser tida como potencial de resistência por meio do próprio pensamento que o indivíduo opõe à apropriação parva de conhecimentos, inclusive as chamadas filosofias profissionais.

Partindo dessa constatação da importância da formação filosófica, Adorno (1995) pontua dois aspectos preocupantes: a queixa frequente que a Filosofia sobrecarrega os futuros professores como uma disciplina a mais, e ainda por cima uma disciplina com que a maioria não possui vínculos; e os próprios candidatos fazem questão que a prova avaliativa seja técnica, isto é, que seja uma avaliação da história da Filosofia ou mesmo sobre a tese defendida por um pensador da tradição filosófica. Entre uma avaliação do potencial intelectual e uma avaliação profissional, técnica e restrita, os candidatos, segundo Adorno, preferem a segunda. A ponderação apresentada pelo autor nos permite pontuar que o caráter da formação intelectualizada (enquanto análise crítica da sociedade) e filosófica, a negligenciada nos cursos de formação de professores, e que a formação de indivíduos, a partir de uma racionalidade técnica, têm levado ao desenvolvimento de uma cultura profissional na licenciatura ou em outras áreas que se regem pela dinâmica da eficiência quantitativa, mas pouca ou nenhuma capacidade qualitativa de análise e reflexão dos processos sociais que vão se consolidando. Nesse sentido, estamos fornecendo uma educação deformativa para os futuros professores.

Segundo Adorno (1995), essa condição pode ser observada na própria escolha, por parte dos candidatos, dos temas a partir dos quais pretendem ser avaliados. Muitos preferem seguir pelo caminho seguro, escolhendo temas

considerados conhecidos ou tidos como fáceis. Quando questionados sobre essas atitudes, os candidatos recorrem à letra da regra do exame, que prevê justamente uma avaliação dos conteúdos específicos. Essa fuga exemplifica o que Adorno (1995) chama de consciência reificada, que revela a falta de autonomia presente em boa parte dos candidatos que preferem a reprodução da minoridade intelectual presente na sociedade. Para Adorno (1995), a meta principal do exame deveria ser a avaliação dos professores, pois é papel das escolas superiores a verdadeira formação do espírito.

Para Adorno (1995, p. 63), a constatação disso nos exames é recorrente, levando imediatamente a concluir pela ausência da formação cultural (*Bildung*), necessária a quem pretende ser um formador. Para Januário (2018), referindo-se a Adorno, exemplifica essa condição. Um candidato quando questionado se a argumentação de Descartes e a conclusão sobre o Cogito como indubitável o satisfazia, respondeu fazendo uso da decadente filosofia existencial que já era questionável mesmo em sua origem, utilizando-se de chavões consagrados no interior dessa filosofia, como de outros. Esse tipo de uso de chavões é, para Adorno, ainda outro sinal da consciência reificada. O uso de chavões evita a reflexão crítica, isto é, relacionar o assunto específico para o todo social. Por isso, onde falta a reflexão do próprio objeto, onde falta discernimento intelectual da ciência, instala-se em seu lugar uma frase ideológica.

Nesse sentido, Adorno (1995) pontua em forma de pergunta: mas se fôssemos confrontados com a questão de como, afinal, é possível adquirir esse tipo de formação cultural que permite associar áreas de conhecimento com o contexto em que estão inseridas? Em sua resposta, apresenta que qualquer formação cultural deve ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos, e de qualquer outro modo seria do tipo “cultura geral”. Nessa passagem, o autor é duro ao admitir que quem não possui reflexão crítica e espírito aberto para uma formação cultural de resistência às contradições do modelo produtivo não deve se dedicar a ensinar. Segundo Adorno (1995, p. 64), as deficiências de uma reflexão crítica dos docentes cairão sobre os alunos, isto é, haverá prosseguimento a essas deficiências nos alunos, produzindo *ad infinitum*, aquele estado intelectual. De tal modo, podemos pontuar, a partir de Adorno, alguns aspectos que demonstram os problemas formativos de professores.

O primeiro aspecto que demonstra a fragilidade da formação de professores é o uso da linguagem. Para Januário (2018), essa carência se mostra facilmente quando se avaliam aspectos da linguagem, a saber, quando o exame foca no uso da língua culta, tanto no emprego da gramática e ortografia quanto no uso da oralidade. Para Adorno (1995, p. 64-65), somente poucos pressentem algo diferente entre linguagem como meio de comunicação e linguagem como meio de expressão rigorosa do objeto; acreditam que basta falar para saber escrever, no entanto, quem não sabe escrever, em geral, não consegue falar. Para isso, Adorno pontua que tanto no exame escrito quanto no exame oral as deficiências no uso da linguagem evidenciam a incapacidade de produzir uma reflexão contundente do problema apresentado. Na maior parte dos casos, os candidatos apenas apresentam resumo de frases e conceitos que não possuem coerência e nem lógica entre si. De outra forma, são incapazes de efetivar a produção intelectual e autônoma de um pensamento esclarecido sobre o foro social. Para Januário (2018), o rompimento entre reflexão e coisa expressada nos aspectos da linguagem tem como origem as próprias condições sociais que não estimulariam o pensar autônomo. A reprodução de falas sem preocupação com a reflexão materializa a lógica dos bens culturais produzidos pela indústria cultural. Isso é um atentado à educação, pois o fato de candidatos a futuros formadores não se preocuparem com a formação de um pensamento crítico, mesmo em disciplinas técnicas, evidencia o distanciamento com a cultura como expressão da criatividade e da emancipação.

Por isso, a formação cultural como *Bildung* deve perseguir dois grandes objetivos com relação à linguagem:

- a) precisa corresponder à urbanidade. Ninguém pode ser discriminado por ser do campo, mas ninguém deveria também transformar em mérito. É necessário, como imperativo para Adorno, de provincianizar-se;
- b) por outro lado, o abandono do campo não pode se traduzir em mera repetição ou de imitação ingenuamente ao que é culto. A formação cultural como *Bildung* deveria se constituir como uma meta importante para a consciência daqueles que pretendem ensinar alguém.

O segundo aspecto resulta da falta de identidade profissional do professor. Segundo Adorno (1995, p. 68), acrescenta-se aquele desprezo ofensivo pela profissão de professor, muito difundido, que por sua vez conduz os

professores a apresentarem exigências excessivamente modestas. Muitos já iniciam se desvalorizando frente a si mesmos e frente à profissão. Para Adorno, o professor deve refletir para ter consciência da escolha da profissão do magistério. A tomada de consciência da relação entre existência e profissão deverá ocorrer no processo formativo na universidade.

Em terceiro lugar, Adorno (1995) retoma a questão da presença da Filosofia nos exames/formação tecendo uma crítica à própria Filosofia. Para Adorno (1995, p. 69), o que perturba nesses exames é a ruptura entre aquilo de constitui objeto de elaboração e a apresentação filosófica e os sujeitos vivos. A preocupação com a Filosofia deveria promover a identidade de seus interesses verdadeiros com o estudo profissional que elegeram, mas na verdade apenas aumenta a autoalienação. Essa condição é potencializada, na medida que a filosofia como prática puramente técnica e profissional é percebida como um peso morto que dificulta a aquisição de conhecimentos úteis tanto para a disciplina específica quanto para a aquisição de conhecimentos específicos da área. Para Adorno (1995, p. 69), a Filosofia submetida a exame converteu-se em seu contrário, em vez de conduzir os que se ocupam dela ao encontro de si mesmos, presta-se apenas a demonstrar a todos o fracasso da formação cultural, não apenas no caso dos candidatos, mas atinge de modo geral todas as esferas de produção de conhecimento.

Em quarto lugar, Adorno (1995) chama a atenção para um problema recorrente quanto à formação científica dos professores. A base dessa concepção difundida costumeiramente está na própria ideia de ciência. A crítica apresentada por Adorno com referência à ciência desboca na constatação drástica da utilização da bibliografia secundária pelos candidatos/professores. Para Adorno (1995, p. 70), quem deseja se qualificar cientificamente precisa demonstrar também o domínio das regras do trabalho científico. Porém, a preocupação com a literatura secundária frequentemente significa coisa bem diferente. A busca pelas bibliografias secundárias evidencia, por um lado, o sentimento de incapacidade de autoavaliação, e, por outro lado, espera-se, muitas vezes inconscientemente, tomar a parte da ciência mediante rituais científicos, por meio de citações, abundantes referências e opções místicas. A tomada das bibliografias secundárias como um guia fixo e inexorável apenas formaliza a incapacidade de liberdade e autonomia do candidato em pensar por si mesmo. Para Adorno (1995), a ciência como ritual dispensa o pensamento e a liberdade.

Portanto, a filosofia torna-se fundamentalmente importante para a formação de professores. Em todas as áreas do conhecimento em que existe o fazer pedagógico os professores devem demonstrar uma capacidade filosófica de pensamento. Não como teoria pura, mas como expressão intelectualizada de pensamento autônomo e crítico frente às contradições sociais.

## 4 CONCLUSÃO

As reflexões adornianas nos auxiliam a pensar a educação, sobretudo como no objeto de estudo do artigo: a questão da formação de professores. No texto *A filosofia e os professores* presente no livro *Educação e Emancipação* (ADORNO, 1995), o autor apresenta uma discussão importante a partir dos exames de seleção para professores da Alemanha. A base de discussão é a condição da presença da Filosofia no exame de seleção de professores, mas que nos fornece um substrato denso para pensar os processos de formação de professores.

O primeiro aspecto importante a ser destacado a partir de Adorno (1995) é que qualquer curso de formação de professores deve se preocupar com a autonomia e a emancipação. Nesse sentido, os professores devem buscar uma formação que garanta capacidade de perceber o não idêntico, isto é, por meio de uma formação dialética perceber os atores e interesses envolvidos na sociedade e na profissão. Uma formação densa marcada prioritariamente pelo espírito filosófico. A perspectiva filosófica na formação de professores contribui para a consolidação do professor como intelectual. Esse é um grande desafio colocado no século XXI. Como favorecer o protagonismo intelectual do professor frente à ideologia técnica que tem colonizado os espaços educativos? Ao responder essa questão, apontamos o segundo aspecto.

O protagonismo intelectual do professor deve favorecer a consolidação de uma educação de resistência, no sentido de estabelecer a figura do professor como centro nuclear de planejamento e execução de ações de ensino-aprendizagem. A formação para a resistência significa autonomia e emancipação para se posicionar frente a movimentos que ameaçam ou restringem o protagonismo intelectual do professor.

Em terceiro lugar, Adorno (1995) compreende que a formação de professores deve primar por uma educação sólida, consistente e coerente que evite a semiformação. É rotineiro que alguns cursos, inclusive atendendo às prerrogativas das políticas educacionais, organizem cursos formativos que atendem apenas a pautas midiáticas ou a

sensacionalismos pedagógicos, mas que não contribuem na formação dos professores. A formação de professores organizada a partir da semiformação eleva a alienação profissional e o despreparo para atuar profissionalmente. Nesse sentido, uma formação de qualidade deve garantir a solidez científica, tanto estudando os “clássicos” quanto fazendo uso correto da linguagem científica.

Em quarto lugar, Adorno (1995) pondera sobre a profissão. Os cursos de formação de professores devem auxiliar a descoberta de uma profissão. É necessário que na etapa formativa o estudante se identifique com a profissão. A identidade profissional garante consciência de classe e afasta a alienação profissional. É lamentável que muitos professores não tenham identificação com o ofício do magistério. Essa não identidade resulta em profissionais com pouca ou nenhuma capacidade de inovação e de participação política dos rumos da sua profissão.

Portanto, como a educação deve ser pensada pelo seu dever, também a formação de professores deve ser pensada a partir do seu dever. Partindo de Adorno (1995), qualquer formação deve ser de resistência para evitar a colonização do espaço educacional de ideologias e movimentos técnicos (colocando as tecnologias como protagonistas no processo pedagógico) que retiram a capacidade crítica e analítica de alunos e professores.

### REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HABERMAS, J. **A crise de legitimidade no capitalismo tardio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2002.

JANUÁRIO, A. Educação, Maioridade e Democracia em ADORNO, T. W. **Prometeus**. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, v. 11, n. 26, p. 1-23, jan./fev. 2018.

